



A OPINIÃO DE ALUNOS DO CURSO DE PSICOLOGIA DE UNIVERSIDADES DO ESTADO DE SÃO PAULO ACERCA DA IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DE TEMAS RELIGIOSOS NA FORMAÇÃO ACADÊMICA DO PSICÓLOGO

Nina Lukjanenko Callegari (IC) e Prof. Dr. Marcelo Coelho Almeida (Orientador)

Apoio: PIVIC Mackenzie

RESUMO

A partir de uma revisão bibliográfica, destacamos a presença universal do fenômeno religioso na vida humana e sua conexão com questões psicológicas. No entanto, observa-se uma lacuna na formação acadêmica dos psicólogos brasileiros, na qual temas relacionados à religião e religiosidade são pouco explorados ou ausentes nos currículos universitários. Diante desse contexto, realizamos uma investigação específica sobre a visão dos alunos de psicologia em relação à inserção de disciplinas que abordam o estudo da religião na graduação. Acreditamos que essa pesquisa pode contribuir para uma reflexão sobre a importância da religião na formação do psicólogo e para o desenvolvimento de currículos mais abrangentes e sensíveis às questões espirituais e de experiências religiosas. Na análise dos resultados, percebeu-se certa incoerência em algumas respostas coletadas. Apesar de a grande maioria dos participantes concordar que psicologia e religião não se misturam e que assuntos religiosos não devem ser abordados na psicologia, a mesma porcentagem acredita que a fé e a religião devem ser consideradas no processo terapêutico do indivíduo. Uma porcentagem ainda maior concorda que a fé e a religião influenciam a forma de pensar do homem. A maioria dos alunos acredita que não seja essencial que o tema seja trabalhado durante a graduação ou que não tenha tido relevância na experiência pessoal. A parcela de respondentes que cursou uma ou mais matérias ligadas ao estudo da fé e da religião considera-se completamente preparada para lidar com os temas em ambientes profissionais.

Palavras-chave: Psicologia. Religião. Educação.



ABSTRACT

Based on a literature review, we highlight the universal presence of the religious phenomenon in human life and its connection to psychological issues. However, a gap is observed in the academic training of Brazilian psychologists, where topics related to religion and religiosity are minimally explored or absent in university curricula. In light of this context, we conducted a specific investigation into psychology students' perspectives on the inclusion of courses that address the study of religion in their undergraduate education. We believe that this research can contribute to a reflection on the importance of religion in the training of psychologists and to the development of more comprehensive curricula that are sensitive to spiritual and religious experiences. An analysis of the results revealed some inconsistencies in the responses collected. Although the vast majority of participants agreed that psychology and religion do not mix and that religious topics should not be intertwined with psychology, the same percentage believes that faith and religion should be considered in the therapeutic process of the individual, and an even larger percentage agrees that faith and religion influence human thinking. Most students believe it is not essential for the subject to be addressed during their undergraduate studies or that it has not been relevant in their personal experience, while the portion of respondents who have taken one or more courses related to the study of faith and religion consider themselves fully prepared to handle these topics in professional settings.

Keywords: Psychology. Religion. Education.



1. INTRODUÇÃO

O fenômeno religioso é um aspecto essencial do homem. Em todos os cantos do mundo, em todas as terras, independente dos grupos, das tribos e dos jeitos, o ser humano em sua forma mais primitiva, cultivou através de rituais, símbolos e mitos, um deus – ou diversos deles (BLANC, 2021).

Segundo Cícero, citado por Wilges (1985, p. 42): "Não há povo tão primitivo, tão bárbaro, que não admita a existência de deuses, ainda que se engane sobre a sua natureza". Portanto, a fé, a religião e a religiosidade são marcas do ser humano e, por serem tão vitais, não deveriam ser esquecidas na contemporaneidade.

Segundo o IBGE (2023), no Brasil, 92% da população se diz pertencente a alguma religião. Nesta realidade, é de extrema necessidade que a psicologia seja explorada, observada e busque a compreensão desse fenômeno na vida das pessoas, como apontou Leite (2017).

A conexão entre a psicologia e a religião não é assunto recente, como trabalhado por Jung (2013, p. 124):

"Entre todos os meus doentes na segunda metade da vida, isto é, tendo mais de 35 anos, não houve um só cujo problema religioso mais profundo não fosse constituído pela questão de sua atitude religiosa. Todos em última instância, estavam doentes por ter perdido aquilo que uma religião viva sempre deu em todos os tempos a seus adeptos, e nenhum curou-se realmente sem recobrar a atitude religiosa que lhe fosse própria. Isto, é claro, não depende, absolutamente, de adesão a um credo particular, ou de tornar-se membro de uma igreja". (JUNG, 2013, p. 124)

Tal observação se relaciona diretamente com a etimologia da palavra "religião". Blanc (2021) ressalta que a palavra vem do latim re-ligare, implicando religar a essência divina do ser humano ao seu ego, e permitindo a conexão do ego com o enigma divino inerte ao ser humano. Com isso em mente, Leite (2017) estabelece que cabe então ao psicólogo, como profissional dedicado à complexidade humana, abraçar a busca incessante pelo encontro do divino.

Pereira (2019) aponta que formandos de diversas partes do país não se sentem preparados para manejar temáticas em torno do aspecto religioso na clínica. Leite (2017) questiona se o senso religioso tem sido ofertado durante a formação do psicólogo no Brasil. De Paiva (2017) indica a necessidade da ampliação da oferta da disciplina, do estabelecimento de uma rede de pesquisadores e da colaboração entre diferentes áreas da psicologia que incluem a religião, reforçando o que foi apontado por de Freitas e Piasson



(2016). Assim, apesar da oferta e da necessidade do estudo de temas acerca da religião ser explorada por diversos autores, as pesquisas realizadas quase não exploram a recepção dos alunos do curso de psicologia em relação à oferta de disciplinas voltadas à religião.

Na pesquisa realizada por Pereira (2019), alguns dados importantes são evidenciados em relação ao preparo acadêmico dos estudantes: diversos alunos, além de relatarem não se sentirem preparados para lidar com questionamentos religiosos na clínica, dizem ter dúvidas sobre o manejo clínico e a ética, além de não se sentirem confortáveis para abordar o tema com professores e supervisores. Resgatando a afirmação feita por Leite (2017), em que o psicólogo deve abraçar a complexidade da alma humana e relacionando com as informações coletadas por Pereira (2019), elucida-se o ambiente acadêmico contraditório em que estão se formando os novos profissionais da psicologia.

No mesmo estudo, Pereira (2019) averiguou que os estudantes de psicologia apresentavam índices menores de bem-estar espiritual quando comparados aos alunos de outros cursos universitários. Desde a ascensão do iluminismo no século XVIII, paira sobre a sociedade o mito de que a ciência e a religião não podem coexistir, de que, para ser um profissional da ciência, o ser humano deve abster-se da fé e da prática religiosa. Crença esta que se estende para o campo da psicologia com ainda mais força.

Em 2017, Piasson realizou uma revisão de currículos universitários visando explorar o senso religioso na formação do psicólogo. Através deste estudo e considerando o cenário sociocultural brasileiro, Piasson (2017) traz à tona a necessidade da reinserção da religião na formação acadêmica do psicólogo e destaca que as temáticas religiosas na psicologia são pouco exploradas pelos pesquisadores, e, quando conseguem espaço, são quase exclusivamente por parte de universidades pastorais. Dessa forma, é quase inevitável que surja o questionamento: qual a visão dos alunos de psicologia sobre o estudo da religião e da religiosidade na formação do psicólogo?

A presente pesquisa investigou exatamente este ponto. Uma vez estabelecido, através de diversos autores, a necessidade da reconquista do espaço da religião na psicologia, busca-se compreender qual a visão dos psicólogos em formação acerca da proposta de inserção de disciplinas que abordam o estudo da religião e da religiosidade. Propõe-se, assim, a investigação específica da opinião dos alunos do último ano do curso de psicologia, a fim de analisar os dados baseando-se no que foi obtido através da revisão bibliográfica, visando defender a hipótese de que os alunos de psicologia não consideram assuntos como religião e religiosidade como essenciais na formação acadêmica. Compreendendo, então, como a religião e a religiosidade são vistas pelos novos profissionais da psicologia.



2. REFERENCIAL TEÓRICO

Religião é um sistema organizado de crenças, práticas, rituais e símbolos que tem a função de facilitar a proximidade com o sagrado e o transcendente, sejam eles: Deus, uma força superior ou até mesmo a verdade absoluta (KOENIG et al., apud STROPPIA; MOREIRA-ALMEIDA, 2021). É uma palavra milenar derivada do latim *religio*, *relegere* ou *religare*. Hufford (apud STROPPIA; ALMEIDA-MOREIRA, 2008) salienta que religião “é o aspecto institucional da espiritualidade”.

Segundo Jung (OC, II/1) ,

“Religião é – como diz o vocábulo latino *religere* – uma acurada e conscienciosa observação daquilo que Rudolf Otto acertadamente chamou de “numinoso”, isto é, uma existência ou um efeito dinâmico não causados por um ato arbitrário. Pelo contrário, o efeito se apodera e domina o sujeito humano, mais sua vítima do que seu criador. Qualquer que seja a sua causa, o numinoso constitui uma condição do sujeito, e é independente de sua vontade.”

Para apresentar o conceito de religiosidade, faz-se necessário compreender o homem em três partes. Panasiewicz (2011) categorizou o ser humano como sendo composto por corpo, psíquico e espírito. Enquanto corpo e psíquico são conceitos comumente utilizados na ciência médica e na psicologia, o termo espírito e seus sinônimos foram reservados à religião e seus estudos.

O espírito é introduzido como a parte do ser humano que se volta à infinitude, que permite a experiência para tudo aquilo que está fora do alcance físico. Segundo o autor: “Essa dimensão dá ao ser humano a potencialidade de experienciar valores transcendentais” (PANASIEWICZ, 2013). Em outras palavras, a parte denominada “espírito” permite que o indivíduo experiencie para além da realidade material, sendo o catalisador do encontro da finitude e da infinitude, fenômeno que caracteriza a religiosidade humana.

“A religiosidade, como abertura humana ao mistério transcendente, articula no interior do ser humano finitude e infinitude, possibilitando duas novas experiências: a experiência religiosa e a experiência do mistério transcendente (Deus).” (PANASIEWICZ, 2013)

O que Panasiewicz coloca como experiências, Gordon Allport descreve como diferentes expressões de religiosidade. Para Allport, a religiosidade pode ser intrínseca ou extrínseca. Na primeira, a pessoa tem como bem maior a religião, declara sua vida como devota completa a Deus e seus rituais e símbolos religiosos. Demais aspectos e interesses



pessoais são inseridos de forma harmoniosa, na medida do possível e sem interferir na religião.

Por outro lado, na religiosidade extrínseca, o indivíduo usa-se da religião como forma de consolo, apoio e segurança, abraçando a crença em um Deus soberano como forma de suprir necessidades primárias, permitindo que a experiência humana seja menos tortuosa e traga em si algum sentido (STROPPIA; MOREIRA-ALMEIDA, 2008).

Carl Jung, psiquiatra e psicoterapeuta suíço, defende em seu livro *Psicologia e Religião* (1938) que os fenômenos religiosos são constituintes do ser humano como uma resposta psicológica profunda ao desconhecido, expressões de padrões instintivos. A essas expressões, ele denominou "Arquétipos". Jung defendia que termos associados à religião, como "santidade", "espírito", "alma" e "deus" eram refletidos em conceitos psicológicos já academicamente compreendidos e, em conjunto, esses termos e conceitos podiam ser utilizados para compreender fenômenos da psique.

Para Jung, a alma — ou o espírito — é um fator autônomo e inacessível. Os enunciados religiosos, segundo o teórico, são confissões da alma, uma forma de tornar compreensível aspectos inconscientes e transcendentais da camada mais profunda do ser humano (JUNG, OC XI/4, § 555).

Defendendo ainda a importância da consideração da religião e religiosidade na psicologia, Jung cita um trecho da obra *De testimonio animae*, de Tertuliano:

"Estes testemunhos da alma quanto mais verdadeiros, tanto mais simples; quanto mais simples, tanto mais vulgares; quanto mais vulgares, tanto mais comuns; quanto mais comuns, mais naturais; quanto mais naturais, tanto mais divinos. Não acredito que estes testemunhos possam parecer sem sentido e importância para alguém, tendo em vista que é justamente da majestade da natureza que provém a autoridade da alma. O que atribuíres à mestra, também deverás atribuir à discípula. A mestra é a natureza, a discípula, a alma. Tudo quanto a primeira ensinou ou a segunda aprendeu foi concedido por Deus, preceptor da mestra. Está em ti, a partir da alma que tem dentro de ti, julgar o quanto a alma possa receber do seu supremo mestre. Procura sentir dentro de ti a presença daquela de onde provém as tuas sensações. Considera que ela é tua vidente nos eventos que prenunciam o futuro, tua intérprete nos vaticínios, e aquela que vela por ti nos acontecimentos posteriores. Admirável é que ela conheça o Deus que concedeu aos homens tais coisas, mas mais admirável ainda é que conheça Aquele que as deu." (MIGNE, JP., apud JUNG, OC XI/4)

Em outro momento, Jung afirma que a religião representa "um equilíbrio entre o eu e o não-eu psíquico, uma *religio*, ou seja, uma consideração metódica das forças inconscientes, que não podemos negligenciar sem correr perigo" (JUNG, OC, v. XVI/2, p. 80-81, § 395-396).



O tratamento de Jung acerca dos temas religiosos elucida a necessidade da compreensão dos fenômenos como parte do tratamento do indivíduo. Como foi explicado por Hopcke, “ele não foi teólogo nem metafísico, mas examinou a importância simbólica e psicológica da experiência religiosa em grande profundidade sem fazer nenhuma afirmação sobre a verdade objetiva ou sobre a falsidade de qualquer credo” (HOPCKE, 2011, p. 80-81).

3. METODOLOGIA

Esta pesquisa foi desenvolvida utilizando dois métodos principais: a revisão bibliográfica e a pesquisa quantitativa exploratória básica, visando discutir a opinião dos alunos acerca do tema estabelecido. A combinação desses métodos permite uma compreensão abrangente do tema em estudo, proporcionando tanto uma base teórica sólida quanto uma análise empírica dos dados coletados.

A revisão bibliográfica foi conduzida com o objetivo de fundamentar teoricamente a pesquisa, identificar lacunas no conhecimento existente e contextualizar os achados empíricos. Para isso, foram revisados artigos científicos, livros, dissertações e teses relevantes ao tema. A seleção dos materiais foi guiada pelos critérios de relevância, atualidade e credibilidade das fontes, assegurando uma base teórica robusta.

Para obter os resultados e respostas acerca da problematização apresentada neste projeto, foi realizada uma busca por artigos pelas plataformas *Scielo* e *Google Scholar*. Foram selecionados artigos publicados em língua portuguesa (Brasil), realizados por Universidades brasileiras.

A pesquisa quantitativa exploratória foi realizada com o intuito de coletar dados empíricos que possibilitem uma análise estatística sobre o tema em estudo. Para a coleta de dados, foi elaborado um questionário estruturado, composto por perguntas fechadas e escalas de Likert, que foram aplicadas a uma amostra não probabilística de conveniência. A escolha dessa amostra visou obter respostas de um grupo representativo do público-alvo, permitindo a generalização dos resultados dentro dos limites da pesquisa exploratória.

Serão utilizados como critérios de inclusão na pesquisa:

- Homens e Mulheres
- Maior de 18 anos
- Cursando o último ano de Psicologia em uma universidade localizada no Estado de São Paulo



Através das ferramentas oferecidas pela plataforma *Google Forms*, foi possível aplicar o critério de inclusão logo no desenvolvimento do questionário, não permitindo que pessoas fora dos critérios estabelecidos participassem da pesquisa.

Os participantes foram convidados a participar da pesquisa através da divulgação em redes sociais e grupos de conversa. No total, 93 pessoas participaram da pesquisa, sendo 83 respostas válidas e 10 participantes que não estavam dentro dos critérios estabelecidos.

Dentre os participantes aptos, 66,3% eram jovens entre 19 e 24 anos e 20,5% entre 25 e 30 anos, enquanto 13,2% tinham mais de 30 anos. Cerca de 80% da amostra (79.5%) cursa atualmente psicologia em universidade confessional particular no Estado de São Paulo, o restante atende as aulas em universidades particulares sem embasamento religioso.

Mais da metade da amostra (56,6%) não estudou em escola confessional durante a educação básica, porém 49,4% alegam ter tido aulas de religião ou similares neste período da vida escolar.

Os alunos de universidades não confessionais não cursaram nenhuma matéria voltada ao ensino das religiões (ou similares), segundo os participantes as universidades não oferecem essas matérias, seja de forma obrigatória ou opcional. Em contrapartida, grande maioria dos alunos de universidades confessionais relatam terem cursado ao menos uma matéria voltada para o ensino das religiões (ou similares).

A pesquisa conta principalmente com respondentes críticos e ateus/agnósticos, além de uma pequena porcentagem de judeus, umbandistas e pagãos.

Tabela 1. Quantidade de sujeitos em cada religião e quantificação de sujeitos praticantes e não praticantes na pesquisa

Religião	N de praticantes	N de não praticantes	N total na categoria	% na amostra
Cristianismo	35	12	47	56,6
Judaísmo	2	0	2	2,4
Umbanda	7	0	7	8,4
Paganismo	1	0	1	1,2



Sem religião	n/a	n/a	26	31,3
--------------	-----	-----	----	------

O formulário foi divulgado no dia 14/03/2024 e permaneceu disponível até o dia 05/06/2024.

Na fase de análise, os dados foram processados e interpretados seguindo a metodologia de Laurence Bardin (1977). As etapas propostas por Bardin para análise dos dados coletados na pesquisa de campo foram: Pré-análise; Exploração do Material; Tratamento dos Resultados.

A pré-análise consistiu na organização e no preparo dos dados coletados, identificando unidades de significado e estabelecendo critérios para codificação e categorização. A fase seguinte foi a exploração do material, trabalhando os dados com técnicas de codificação, categorização e classificação para identificar padrões, conexões e contrastes.

Por fim, na etapa de tratamento dos resultados, os dados foram interpretados, relacionados ao referencial teórico e aos objetivos da pesquisa, construindo uma narrativa coerente e aprofundada, contribuindo para a geração de conhecimento no campo de estudo.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

Os resultados finais foram agrupados em dois grandes temas, sendo eles (1) A relação entre Religião e Psicologia, (2) O estudo da Religião e a prática profissional do psicólogo.

4.1 A relação entre Religião e Psicologia - Amostra total

Parte significativa dos respondentes concorda plenamente que ciência e religião são duas áreas de conhecimento que não se misturam, mais da metade concorda parcialmente ou totalmente com a afirmação, como pode-se observar no gráfico abaixo:

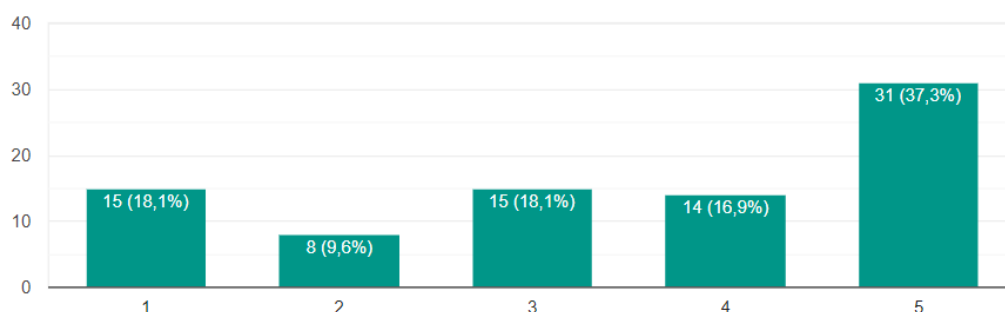
Gráfico 1. Os limites entre ciência e religião.



Ciência e religião não se misturam.

Copiar

83 respostas



Apenas 27,7% dos respondentes discorda da afirmação, enquanto 18,1% se mantém neutro.

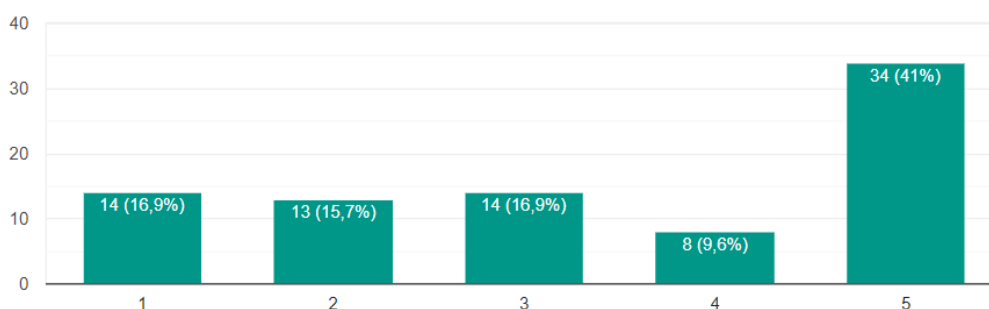
Os números se tornam mais significativos quando substitui-se “Ciência” por “Psicologia”, mais de 40% dos participantes concordam totalmente com a afirmação, enquanto 9,6% concordam parcialmente e apenas 32,6% discorda total ou parcialmente da afirmação.

Gráfico 2.Os limites entre psicologia e religião.

Psicologia e religião não se misturam.

Copiar

83 respostas



O padrão de respostas ainda se mantém quando os participantes são solicitados a se posicionar quanto à afirmação “Não acredito que deva-se misturar assuntos religiosos com psicologia”. Menos da metade da amostra (45,8%) acredita que assuntos religiosos não devem ser trabalhados juntamente da psicologia, e quase a mesma proporção (41%) de participantes acredita que a religião trabalha contra a psicologia.

Gráfico 3. A opinião acerca dos limites entre assuntos religiosos e psicologia.



Não acredito que deva-se misturar assuntos religiosos com psicologia.

 Copiar

83 respostas

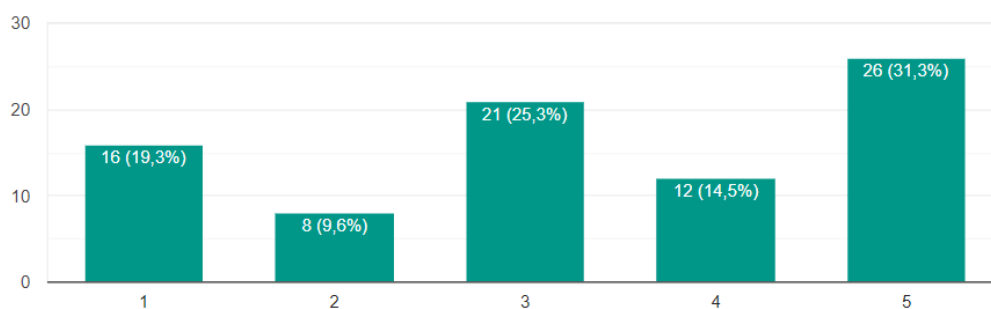
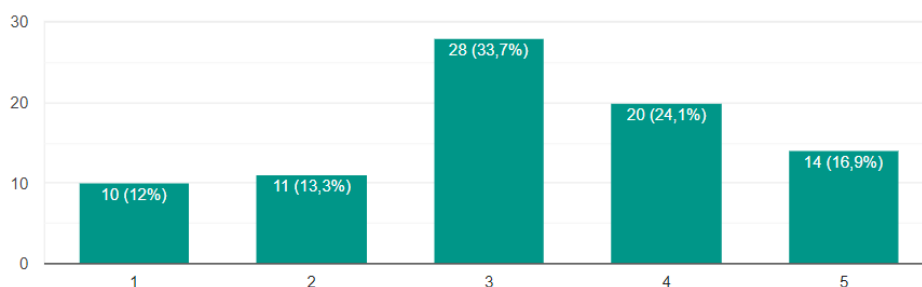


Gráfico 4. A religião como aspecto contrário ao trabalho da psicologia.

Acredito que a religião muitas vezes está contra o trabalho da psicologia.

 Copiar

83 respostas



Apenas uma pequena parcela da amostra discorda da afirmação que propõe a religião como opositora da ciência da psicologia. Sendo apenas 12% discordando totalmente e 13,3% parcialmente.

Mais de 33% dos participantes não concordam e nem discordam da afirmação.

Apesar do posicionamento contrário à intersecção da religião e da psicologia, ao direcionar as afirmações ao público atendido, nota-se diferença significativa nas respostas.

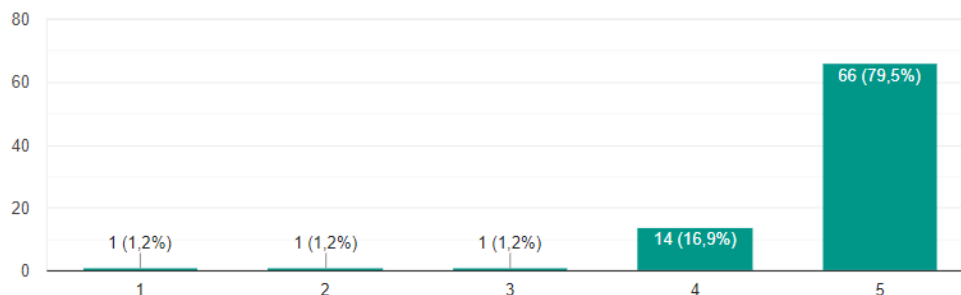
Cerca de quatro quintos da amostra (79,5%) concorda totalmente com a afirmação de que a fé e a religião influenciam o modo de pensar do indivíduo, mais 16,9% concorda parcialmente, somando concordância quase total. Apenas dois participantes discordam.

Gráfico 5. A fé e a religião como aspectos que influenciam no modo de pensar.



Acredito que a fé e a religião sejam aspectos que influenciam no modo de pensar do indivíduo. [Copiar](#)

83 respostas

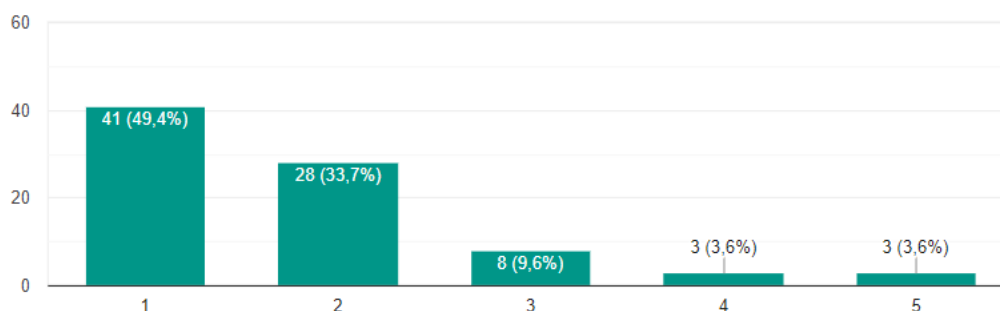


Mais de 80% discordam da falta de influência da religião no homem moderno, corroborando o que foi identificado na afirmação anteriormente feita que investiga o impacto da fé e da religião no pensamento do homem moderno.

Gráfico 6. A opinião acerca da influência da religião no homem moderno.

Acredito que a religião tem pouca influência no homem moderno. [Copiar](#)

83 respostas



Grande parcela da amostra considera que tais aspectos devem ser considerados no processo terapêutico. Enquanto menos de 4% dos participantes não acreditam que a fé e a religião influenciam no modo de pensar do ser humano, três vezes mais (12%) pessoas acreditam que aspectos religiosos não precisam ser considerados no processo terapêutico.

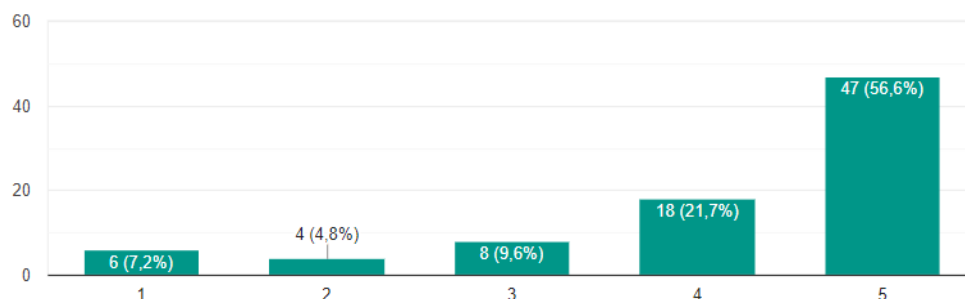
Gráfico 7. A opinião sobre os aspectos religiosos no processo terapêutico.



Acredito que a fé e a religião sejam aspectos que precisam ser considerados no processo terapêutico do indivíduo.

Copiar

83 respostas



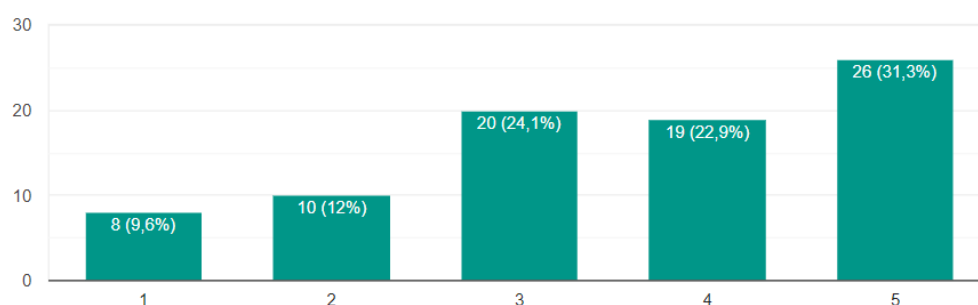
Mais da metade da amostra (54,2%) concorda ainda que a fé e a religião são aspectos integrantes fundamentais do ser humano.

Gráfico 8. A opinião sobre a fé e a religião no ser humano.

Acredito que a fé e a religião sejam parte integrante essencial do ser humano.

Copiar

83 respostas



Contanto, quase um quarto dos respondentes não concorda e nem discorda da afirmação. E pouco mais de 20% discorda total ou parcialmente com a afirmação.

4. 2 O estudo da Religião e a prática profissional do psicólogo - Amostra total

Foram apresentadas 12 afirmações voltadas ao estudo das religiões e à prática profissional do psicólogo, também para avaliação utilizando a Escala Likert.

Grande parcela da amostra (65,1% e 72,3%) não percebe a crença religiosa do profissional como fator que afete ou influencie a prática profissional, apenas uma pequena porcentagem dos participantes entende que o psicólogo deve se abster do exercício religioso ou da fé para poder ser um bom profissional.

Gráfico 9. A opinião sobre a ética e a religião na prática da psicologia.



PROGRAMA INSTITUCIONAL DE
INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Acredito que para ser um profissional ético e neutro, o psicólogo deve se abster do exercício da religião.

Copiar

83 respostas

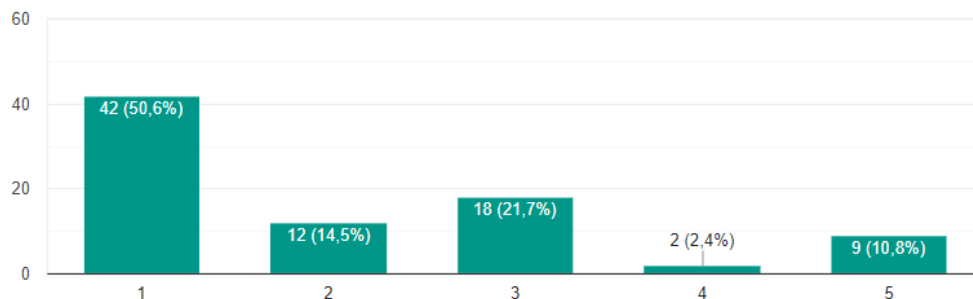
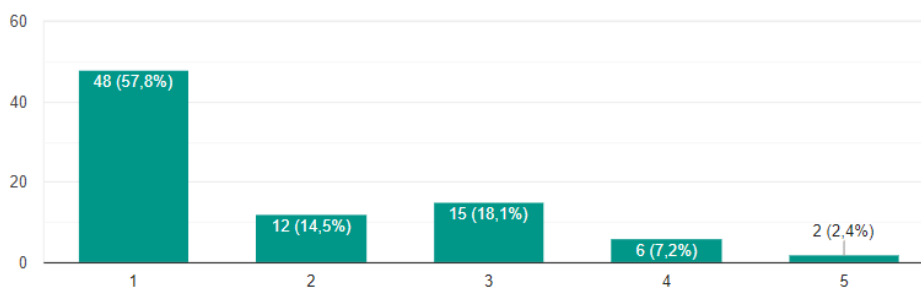


Gráfico 10. A opinião sobre o impacto das crenças pessoais do profissional da psicologia no exercício da profissão.

Acredito que profissionais isentos de crenças religiosas estão melhor preparados para exercer a psicologia.

Copiar

83 respostas



Um número significativo de participantes não concorda e nem discorda das afirmações.

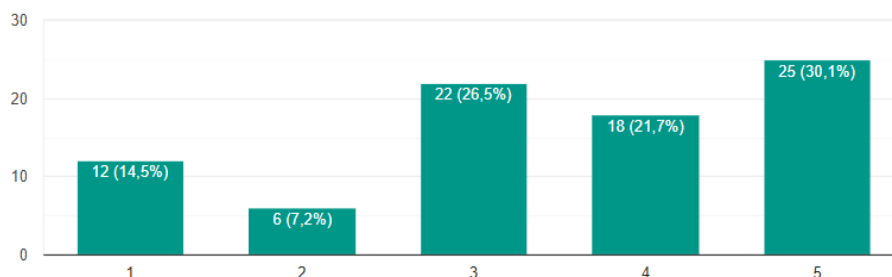
Ao serem questionados sobre matérias de religião ou similares ao longo da graduação, mais da metade (51,8%) acredita que não devem ser oferecidas matérias de cunho religioso nas instituições de ensino, por serem crenças pessoais.

Gráfico 11. A opinião acerca do ensino laico nas universidades.

Religiões são crenças pessoais do indivíduo e o ensino nas instituições vai contra esse preceito.

Copiar

83 respostas



ensino (a para o
matéria

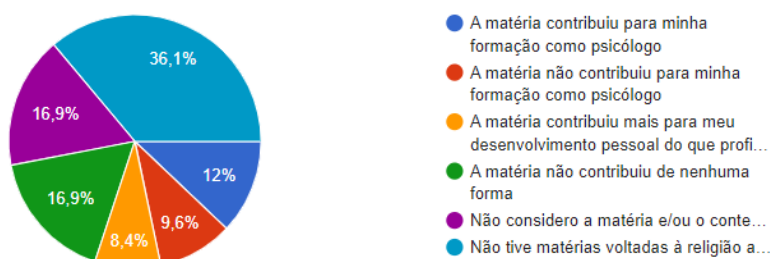
contribuiu para a formação profissional. Mais de um quarto dos participantes não acredita que a(s) matéria(s) contribuam no desenvolvimento profissional ou pessoal dos alunos. Ainda é possível observar que 16,9% não consideram o conteúdo das matérias relevantes.

Gráfico 12. A influência das disciplinas de religião na formação do profissional.

Dentre as matérias voltadas ao ensino da religião (ou similares) que você cursou, você acredita que:

[Copiar](#)

83 respostas



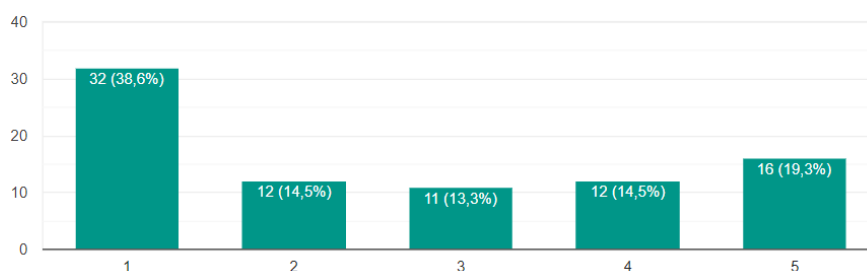
Poucos participantes alegam querer mais opções de matérias voltadas ao ensino das religiões ao longo da graduação.

Gráfico 13. A opinião sobre a oferta de disciplinas de cunho religioso na universidade.

Gostaria de ter tido mais opções de estudo de religiões (ou similares) na graduação.

[Copiar](#)

83 respostas



Parcela majoritária da amostra não acredita que o estudo da fé e das religiões deva ser parte obrigatória da grade curricular do curso de psicologia, apenas um pouco mais de um quarto da amostra concorda que esses temas devem fazer parte do currículo universitário.

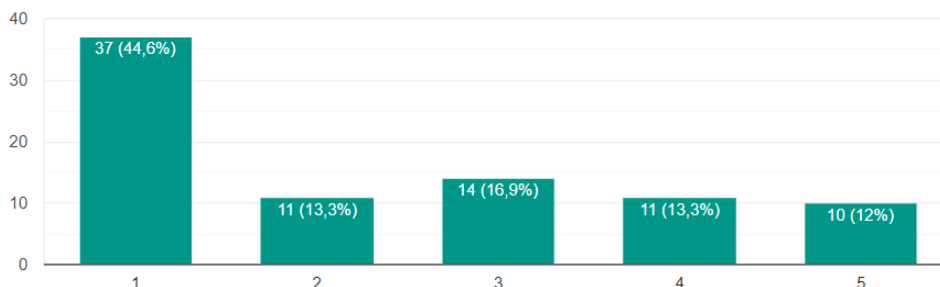
Gráfico 14. A opinião acerca da obrigatoriedade do estudo de religiões (ou similares).



Acredito que o estudo das religiões (ou similares) deva ser parte do currículo acadêmico.

[Copiar](#)

83 respostas



Números semelhantes são observados quando questionados sobre a influência das matérias cursadas na prática profissional ao longo dos estágios obrigatórios e não obrigatórios. Mais da metade alega que as matérias ofertadas não ajudaram nas atividades práticas.

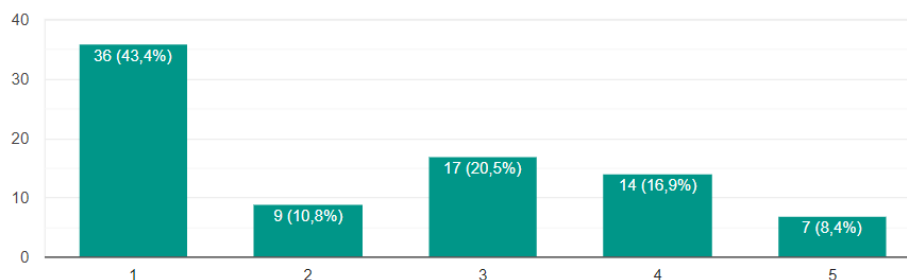
Gráfico 15. A opinião acerca da influência do estudo das religiões no desempenho profissional.

Acredito que as matérias voltadas ao estudo das religiões (ou similares) me ajudaram no exercício profissional.

[Copiar](#)

Obs.: Considerar experiências de estágio obrigatório e não obrigatório ao longo da graduação.

83 respostas



Contudo, quase 70% dos respondentes afirmam estarem preparados para acolher demandas de cunho religioso no exercício profissional, dentro ou fora do ambiente clínico. Menos de 3% dos alunos não se consideram aptos para tratar tais demandas, porém, cerca de 20% não concordam e nem discordam com as afirmações.

Gráfico 16. A opinião acerca do preparo dos estudantes no acolhimento de demandas de cunho religioso no exercício profissional.



Considero-me pronto para acolher demandas de cunho religioso no exercício profissional do psicólogo.

Copiar

83 respostas

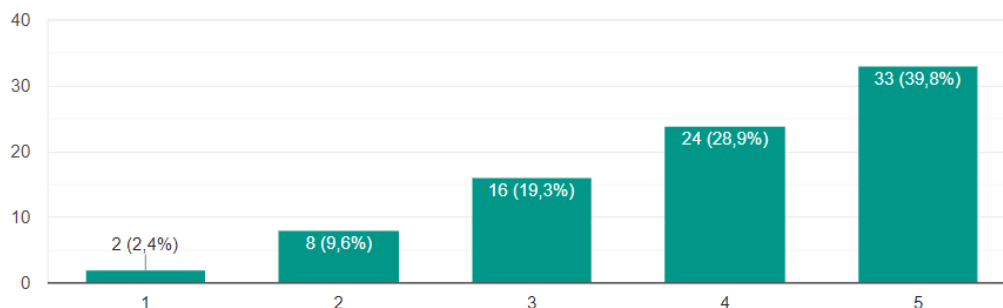
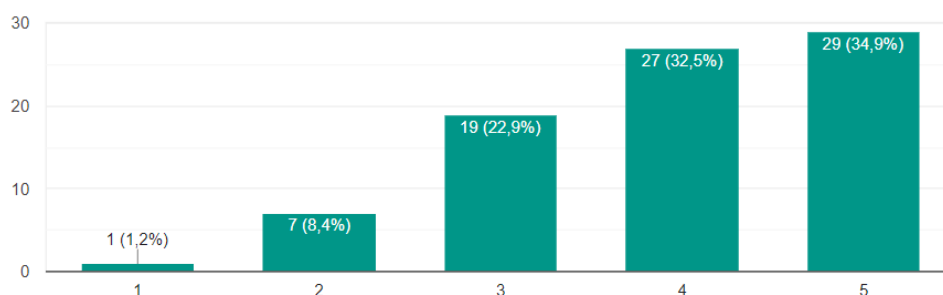


Gráfico 17. A opinião acerca do preparo dos estudantes no acolhimento de demandas de cunho religioso no ambiente clínico.

Considero-me preparado para lidar com questões de cunho religioso dentro do consultório.

Copiar

83 respostas



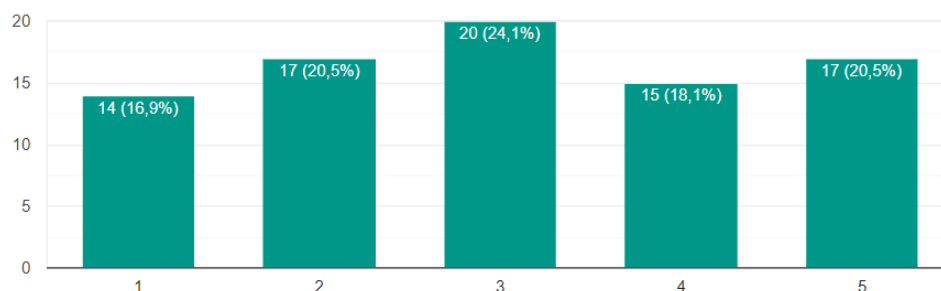
As respostas apresentam números destoantes também ao investigar a importância do estudo das religiões ao longo da graduação em Psicologia.

Gráfico 18. A opinião acerca da essencialidade do estudo de religiões (ou similares) ao longo da graduação em Psicologia.

Não considero essencial o estudo de religiões (ou similares) ao longo da graduação de Psicologia.

Copiar

83 respostas



de que ciência e religião são domínios separados. A visão predominante entre os respondentes de que ciência e religião são áreas distintas e não se misturam pode ser contextualizada pelo



modelo de "magistérios não sobrepostos" (NOMA) proposto por Stephen Jay Gould (1999). Segundo Gould (1999), a ciência e a religião representam dois domínios diferentes de ensino (ou "magistérios") que não se sobrepõem: a ciência cobre o domínio empírico de fatos sobre o universo, enquanto a religião trata de questões de significado e valor.

Essa visão se mantém quando se considera a psicologia em vez da ciência em geral, indicando que os respondentes veem a psicologia como uma disciplina que deve manter-se apartada de influências religiosas. Essa separação pode refletir uma valorização da objetividade e da metodologia científica rigorosa na prática psicológica.

O fato de 32,6% discordarem aponta para um grupo significativo que vê alguma compatibilidade ou complementaridade entre esses campos. Esse dado pode ser interpretado como um reflexo das diferentes perspectivas sobre o papel da espiritualidade e da religião no bem-estar psicológico.

Contudo, parcela majoritária dos respondentes não entende a necessidade do profissional se isentar de práticas religiosas para ser um profissional ético e capaz, indicando que a compreensão dos limites entre ciência e religião se estendem apenas para o âmbito profissional.

A ampla concordância de que fé e religião influenciam o pensamento do indivíduo e do homem moderno indica que, embora muitos estudantes vejam a religião como separada da prática psicológica, reconhecem sua profunda influência na vida das pessoas. Isso pode apontar para a necessidade de uma compreensão cultural e contextual do paciente, mesmo que a religião não seja diretamente integrada à prática terapêutica.

Apesar dos números indicarem que os respondentes reconhecem a influência da religião no ser humano, a maioria não concorda com a inclusão de matérias que abordam tais temas no currículo universitário do curso de psicologia. Fica clara a incongruência das informações, uma vez que a religião e a fé são estabelecidas como influenciadoras no pensamento e elementos que impactam o homem, é fundamental que os temas sejam estudados e abordados pela psicologia.

Mesmo que uma parcela tão grande da amostra não concorde com o ensino das religiões no percurso acadêmico, é possível notar a partir da análise dos resultados que 78,1% dos alunos que cursaram matérias ligadas ao ensino das religiões e não consideram que essas matérias contribuíram para o desenvolvimento profissional, se consideram preparados para lidar com questões de cunho religioso no ambiente profissional.

Apenas 12% dos alunos que frequentam universidades confessionais — que incluem matérias que tratam temáticas religiosas de forma obrigatória — alegam não estar preparados para acolher demandas de cunho religioso na prática profissional.

Dentre os alunos de universidades não confessionais, 82% dos participantes se consideram preparados para atender demandas religiosas, mesmo que não tenham cursado matérias do tema. Porém, a mesma porcentagem de participantes se declara religioso praticante. Em contrapartida, nas universidades pastorais 80% dos respondentes que se consideram aptos para atender tais demandas não são religiosos ou não praticam a religião. Assim pode-se indicar que, de alguma forma, o tratamento de temáticas religiosas na graduação influenciam positivamente a capacidade de acolhimento dos profissionais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados percebidos na pesquisa elaborada permitem a análise de aspectos relacionados à opinião dos profissionais de psicologia, principalmente quando se trata da formação de novos psicólogos.

Mesmo com uma amostra significativa de participantes autodeclarados pertencentes de alguma religião e uma quantidade expressiva dos mesmos se autodeclararam praticantes de suas respectivas religiões, percebe-se que os aspectos religiosos não são amplamente aceitos pelos estudantes como material de estudo da psicologia, sendo limitados apenas à crenças pessoais.

Porém, a maioria dos respondentes frequentou ao longo da formação instituições confessionais por isso tiveram contato na educação básica ao ensino religioso e se consideram aptos para lidar com questões religiosas no exercício profissional — mesmo aqueles que se declaram sem religião definida ou cujas religiões tragam dogmas culturais distantes da base católica-cristã em que a cultura e a sociedade brasileira se estabeleceu — indicando que o contato acadêmico com tais temas influencie na sensação de preparo dos futuros profissionais.

O enraizamento do cristianismo no cerne da cultura brasileira tem como manifestação de sua dominância a percepção, por uma imensa parcela dos brasileiros, de equivalência



entre o próprio conceito de religião e as práticas cristãs em si. Essa equivocada noção de equivalência entre “religião” e “cristianismo” inspira uma falsa sensação de suficiência, que leva muitos a deixarem de se aprofundar em estudos de aspectos religiosos diversos por estarem familiarizados com o culto cristão.

A baixa representatividade de estudantes de universidades privadas laicas e a ausência de participação de estudantes de universidades públicas motiva o aprofundamento do estudo dos currículos de psicologia, a oferta de matérias que trabalhem aspectos religiosos e a opinião dos estudantes em relação ao assunto, possibilitando compreender possíveis desfalques na formação de novos psicólogos.

Em suma, demonstra-se necessário estudos subsequentes acerca da problemática apresentada, que busquem compreender os dados contraditórios obtidos na pesquisa, de forma que temas religiosos, religiosidade e fé sejam não apenas compreendidas como parte integrante do ser humano e aspecto influenciador da forma de pensar e de agir do homem como também temáticas a serem estudadas e aprofundadas pelos profissionais da psicologia.



6. REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

BERNARDI, C. J.; CASTILHO, M. A. de. A religiosidade como elemento do desenvolvimento humano. Interações (Campo Grande), v. 17, n. 4, p. 745-756, out. 2016.

CUNHA, V. F. da; SCORSOLINI-COMIN, F. A religiosidade/espiritualidade (R/E) como componente curricular na graduação em Psicologia: relato de experiência. Psicologia Revista, v. 28, n. 1, p. 193-214, 2019.

FREITAS, M. H. de; PIASSON, D. L. Religião, religiosidade e espiritualidade: repercussão na mídia e formação profissional em Psicologia. Esferas, n. 8, 2016.

GOULD, Stephen Jay. Rocks of ages: science and religion in the fullness of life. New York: Ballantine Books, 1999.

HOLANDA, A. F.; PEREIRA, K. C. L. Religião e espiritualidade no campo da saúde: questões para a educação superior. Paralellus, Recife, v. 11, n. 28, 2020.

HOPCKE, Robert. Guia para a obra completa de C.G. Jung. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

JUNG, C. G. Psicologia e religião. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 124.

JUNG, Carl Gustav. Obras completas de C.G. Jung. v. XVI/2. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 80.

PAIVA, G. J. de. Psicologia acadêmica da religião no Brasil: história, resultados e perspectivas. Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral, v. 9, n. 1, p. 31-48, 2017.

PEREIRA, K. C. L.; HOLANDA, A. F. Religião e espiritualidade no curso de psicologia: revisão sistemática de estudos empíricos. Interação em Psicologia, v. 23, n. 2, 2019.

PIASSON, D. L. O senso religioso na formação em psicologia no Brasil: uma análise dos currículos universitários. 2017. Disponível em: [URL]. Acesso em: [data de acesso].

MINAYO, Maria C. de S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2007.